

Andreia Joana Costa

Mestre em Gerontologia Social
andjoa@iol.pt

Adriano Zilhão

*Professor auxiliar do Instituto
Superior de Serviço Social do Porto*
adriano.zilhao@issp.pt

RESUMO

Este estudo propõe-se conhecer as dinâmicas das redes de solidariedade primárias, no quadro de reestruturações em curso na sociedade portuguesa contemporânea. A recolha de dados foi realizada através de entrevistas a uma população de 60 indivíduos: 30 idosos e 30 elementos da rede primária que frequentam um espaço de Centro Convívio, resposta social do projeto “Movimento Sénior” criado pela Rede Social de Lousada.

A análise dos dados revelou que as redes de apoio familiar continuam a ter muita importância como primeiro suporte de apoio aos mais velhos; não deixam, porém, de evidenciar que a disponibilidade das redes sociais primárias é cada vez mais escassa perante o agravamento do estado de dependência da pessoa idosa e perante alterações na dinâmica de interação familiar tradicional.

O trabalho foi desenvolvido no ano de 2012 para obtenção do grau de Mestre em Gerontologia Social pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto.

Palavras-chave: Solidariedades primárias. Família. Industrialização difusa. Apoio informal. Apoio formal.

1. INTRODUÇÃO

Este estudo propõe-se conhecer as dinâmicas das redes de solidariedade primárias no quadro de reestruturações em curso na sociedade portuguesa contemporânea, o que pressupõe o estudo da velhice como problema social, associado ao que Weber designou de “decomposição da comunidade doméstica»¹ que, segundo este autor, acompanha necessariamente o desenvolvimento da economia capitalista onde a atividade económica se dissociou das atividades familiares. Estas “transformações que ocorreram nas sociedades industrializadas bem como o gradual envelhecimento das suas populações, proporcionaram as condições para que, socialmente, se começasse a considerar a velhice como situação problemática a necessitar de apoio social. A velhice tornou-se um problema social e passou a mobilizar gente, meios, esforços e atenções”².

Lenoir fala, mesmo, da “desfamiliarização” das relações familiares, conceito que desenvolveu para caracterizar as transformações que sucedem na família e que assentam num processo de *desmoronamento das bases sociais em que assenta o familismo tradicional*, decorrente do declínio de um “património que é simultaneamente um meio de produção e um meio de existência material e simbólica do grupo”³. O estudo sociológico da velhice remete, por isso, para a elucidação dos fatores que modificaram o que E. Durkheim chamava os «modos de solidariedade» - a natureza dos laços que unem os indivíduos, num dado grupo - nomeadamente associados a processos de industrialização e de urbanização das sociedades.

A urbanização do território português deve ser vista como um fenómeno que apresenta, justamente, um perfil específico, quer em termos de configurações espaciais quer na dinâmica da transição rural-urbano, por coexistir com atividades agrícolas e industriais, pluriatividade e pluri-rendimento familiar e pela extensão das formas de urbanização difusa. Esta modalidade de urbanização, decorrente de fatores como o melhoramento das acessibilidades, o baixo custo dos terrenos e a mão-de-obra abundante e a baixo custo identificam-se, em Portugal, com as “áreas rurais da faixa litoral, que se apresentam mais atrativas para a implementação industrial”⁴,

¹ Extracto (adaptado) de R. LENOIR (1990) «*Objet sociologique et problème social*»; in: P. Champagne et alii, *Initiation à la Pratique Sociologique*, Dunod, Paris

² FERNANDES, Ana Alexandre (1997). *Velhice e Sociedade: Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*. Editora Celta, p.10

³ Cf. Idem p.61

⁴ GAMA, A. (1993). *Espaço e sociedade numa situação de crescimento urbano difuso*. In: BOAVENTURA, Sousa Santos (org.). *Portugal: um retrato singular. O Estado as relações sala-*

compreendendo parte significativa das regiões do litoral norte e centro não incluídas, nomeadamente, na Área Metropolitana do Porto. Nestes contextos as estruturas modernas tendem a interagir com as primeiras, criando práticas e comportamentos sociais que não são plenamente modernos nem puramente tradicionais.

O exercício da pluriatividade familiar⁵, (enquanto participação dos membros ativos do agregado familiar em diferentes tipos de atividade produtiva, nomeadamente a agricultura de subsistência) na região do Litoral Norte de Portugal, é, assim, a expressão de uma industrialização e urbanização difusas que geram uma forma de ocupação do espaço onde se interpelam características rurais e urbanas e que se apresenta como reserva de equilíbrio que amortece as crises do mercado de trabalho⁶.

Esta pluriatividade familiar faz emergir uma nova classe social, o *campesinato parcial*, que se confronta com novas realidades, designadamente conciliar afazeres na agricultura com o trabalho na empresa, o que permite que se associe, à pluriatividade familiar, um sentido de rutura com o modo de vida tradicional e camponês onde o parentesco (o mais importante recurso face à velhice nas comunidades rurais) se reinventa face a uma estrutura familiar em constante relação com a estrutura social global.

O concelho de Lousada faz, justamente, parte do conjunto de territórios que se foi “densificando em função, sobretudo, de um processo de industrialização difusa, organizado territorialmente em distritos industriais ou sistemas de produção especializados em fileiras”⁷ com dispersão dos sistemas produtivos locais e da função residencial, fomentando por isso, as deslocações casa-trabalho, dentro do próprio concelho ou entre os concelhos contíguos - o que Portas et al. (2003) designa de “conurbação não metropolitana do Noroeste”. No diagnóstico realizado no âmbito do Programa de Recuperação das Áreas e Sectores Deprimidos (PRASD), caracteriza-se a região do Vale do Sousa, onde se integra o concelho de Lousada, como um espaço com um nível de industrialização elevado, com predomínio de atividades de trabalho intensivas e de pequenas e médias empresas, muito marcado por atividades de baixo

riais e o Bem-Estar Social na semiperiferia: o caso português. Porto: Edições Afrontamento, p.450

⁵ CARMO, R. M. (2010). *A agricultura familiar em Portugal: rupturas e continuidades*. RESR, Piracicaba, SP, vol.48, nº 1, p.9-22

⁶ LIMA, A. Valadas, (1990). *Agricultura de pluriatividade e integração espacial*. Sociologia – Problemas e Práticas, nº 8, Lisboa: CIES – ISCTE, p.60

⁷ QUEIRÓS, João (2008). *Da geografia das condições sociais periféricas à sociologia dos espaços dominados. Uma leitura da evolução dos processos de urbanização no Noroeste Português nos últimos trinta anos*, VI Congresso Português de Sociologia, Mundos Sociais: Saberes e Práticas, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, p.6

potencial de crescimento e de baixo valor acrescentado, mas com acentuada capacidade de multiplicação de unidades produtivas. Recentemente, perante “o declínio da capacidade empregadora da indústria local e a diminuição das possibilidades de integração no mercado de trabalho do Grande Porto, a emigração vai emergindo como fortíssima, quando não como única, alternativa ao desemprego”⁸.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho de pesquisa, optou-se pelo método intensivo ou de estudo de caso que se harmonizou com a necessidade de obter informação sobre cada realidade individual e respetivas redes de solidariedade primárias, potenciando a sua compreensão. Esta opção viabilizou ainda a aplicação de procedimentos quantitativos, designadamente para proceder à caracterização do território e da população do estudo. Na realização deste trabalho foi envolvido o grupo de pessoas idosas e respetivos familiares próximos que frequentam um espaço de Centro Convívio, resposta social que resulta do projeto “Movimento Sénior” criado pela Rede Social de Lousada. As técnicas de recolha de dados usadas nesta investigação foram a análise documental, a entrevista e a observação.

A análise documental privilegiou a consulta de estudos sociodemográficos do concelho onde decorre a pesquisa, documentos oficiais com informação estatística e documentos oficiais sobre a caracterização do projeto social que abarca a população do estudo.

Por sua vez, a técnica da entrevista (na sua variante semidiretiva) permitiu assegurar profundidade nos dados recolhidos, um contacto próximo e empático com o entrevistado e permitiu obter testemunhos dos interlocutores, respeitando os próprios quadros de referência – a sua linguagem e as suas categorias mentais. Foram elaborados dois guiões de entrevista: um destinado aos idosos e outro destinado aos elementos das suas redes primárias (na maioria dos casos aos seus descendentes). A estrutura dos dois guiões é idêntica surgindo organizados em duas partes distintas: a primeira diz respeito à caracterização da população entrevistada; a segunda aborda questões mais gerais, relacionadas com o percurso de vida do entrevistado e as interações que ocorrem no seio das redes primárias.

⁸ PINTO, José Madureira e QUEIRÓS, João (2008). *Estruturas produtivas, escolarização e desenvolvimento no Vale do Sousa. Análise da reprodução da condição social periférica numa região metropolitana portuguesa*. Cadernos de Ciências Sociais, Porto, nº 25/26

A par da aplicação das entrevistas, a observação permitiu conhecer o contexto que enquadra a ação dos indivíduos, bem como aspetos sobre o quotidiano dos elementos que integram as redes primárias. Apesar de a utilização da técnica de observação ser mais visível na fase da recolha de dados, este instrumento esteve presente ao longo de todo o processo de investigação, designadamente pela proximidade e envolvimento do investigador com o ambiente social da população do estudo, facto que facilitou a perceção sobre as dinâmicas próprias das redes de solidariedade primárias em análise.

A recolha de dados qualitativos implicou, finalmente, o uso da técnica de tratamento de dados designada de análise de conteúdo que permitiu inventariar e sistematizar, compreensivamente, os depoimentos obtidos com a aplicação das entrevistas.

3. RESULTADOS

Foi confirmada a hipótese que afirmava que, nos territórios caracterizados por processos de industrialização difusa, os idosos ainda encontram, nas redes locais de relações sociais assentes no parentesco e na vizinhança, a sua base de apoio e suporte afetivo e de saúde. Confirma-se também a hipótese de que, num contexto onde as famílias pluriativas são suscetíveis de sofrer os efeitos de reestruturações sociais e económicas, se assiste ao enfraquecimento do potencial da estrutura familiar no apoio aos idosos, o que reforça a necessidade de conciliar recursos formais e informais.

4. DISCUSSÃO

As afirmações, quer dos idosos quer dos familiares, demonstram que, de facto, a prestação de cuidados obedece a valores baseados na obrigação moral e na reciprocidade. Constatou-se que a tarefa de prestar apoio não é um ato apenas condicionado pela proximidade física e/ou pela relação afetiva existente entre o familiar que presta apoio e a pessoa idosa mas que obedece, também, a aspetos culturais e de condicionamento social: ser mulher, ficar solteira ou estar divorciada, ser a mais velha, são alguns dos fatores que determinam a “escolha” do prestador de cuidados, entre os elementos da rede de parentesco.

No entanto, olhando para os apoios que as redes de relações sociais assentes no parentesco e na vizinhança prestam, verificou-se que não são suficientes. De facto, resulta dos depoimentos dos idosos e dos elementos da rede de parentesco que, à medida que aumenta o tipo e a frequência dos apoios (nomeadamente na sequência da deterioração do estado de saúde e da aquisição gradual de incapacidades), o potencial da estrutura familiar no apoio aos idosos se enfraquece. É um processo associado às profundas transformações ocorridas na vida e interação familiar dos territórios rurais atravessados por processos de urbanização: as famílias numerosas dão lugar a núcleos familiares sem intergeracionalidade, a mão-de-obra familiar é transferida para atividades de carácter permanente nos setores da indústria e dos serviços, as jovens gerações adquirem maior formação escolar e profissional para exercer trabalho fora do contexto doméstico, ou seja, assiste-se a um processo de contração do potencial da família, nomeadamente do papel das mulheres alterando-se, assim, o equilíbrio associado à presença feminina na vida quotidiana da família.

A necessidade de conciliar recursos formais e informais flui, também, nos discursos dos idosos e seus familiares: quando se reportam à integração no Centro Convívio, é unânime entre idosos e familiares a visão sobre a resposta social formal, que é entendida como uma mais-valia para a ocupação e bem-estar dos idosos, contrariando situações de solidão, ao mesmo tempo que representa para a família um suporte que lhe possibilita conciliar os afazeres, nomeadamente de natureza laboral, com o cumprimento das tarefas relacionadas com o apoio à pessoa idosa.

Questionando os entrevistados sobre a possibilidade de recurso a outros serviços de apoio formal, também aqui a versão dos idosos vai de encontro à versão explicitada pelos elementos da rede de parentesco, ao admitirem vir a precisar de beneficiar de serviços como o Apoio Domiciliário ou o Centro de Dia, demonstrando compreender as limitações que se impõem aos seus filhos que se sentem incapazes de dar resposta a todas as solicitações, face aos desafios relacionados com a perda de autonomia por parte do idoso.

Nos discursos de alguns idosos, bem como de certos familiares, encontramos, todavia, o ónus de garantia de concretização do suporte da família aos seus membros mais velhos, ao mesmo tempo que rejeitam a ideia do recurso a redes de suporte formal. Nestes casos, os indivíduos alegam razões como a satisfação da vontade do idoso em ser cuidado em casa, a disponibilidade dos elementos da família para cuidar, a presente relação de prestação de apoio e a disponibilidade de recursos económicos. Ainda assim, podemos afirmar que, também nestes casos, as famílias que cuidam dos

seus membros mais velhos têm cada vez mais necessidade de poder contar com as redes de suporte formal para assegurar o desempenho de tarefas específicas do quotidiano do idoso (higiene, mobilização) e para responder a necessidades no âmbito do desgaste provocado pelo papel que desempenham.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho conclui que as redes de relações primárias desempenham um papel muito importante no apoio aos idosos, assumindo-se como a principal base de apoio e suporte afetivo e de saúde da pessoa idosa. Perante as dificuldades vividas pelas famílias no apoio aos seus membros mais velhos, revela também a necessidade de procurar auxílio nas redes de suporte formal, apenas quando já não são capazes de satisfazer, sozinhas, as necessidades dos seus idosos, numa clara lógica de complementaridade às ajudas dispensadas pelas redes de suporte informal.

6. REFERÊNCIAS

1. Almeida, João Ferreira de e Pinto, José Madureira (1975) *Teoria e investigação empírica nas ciências sociais*. Análise Social, Vol.XI (2º - 3º), (nº 42-43)
2. Almeida, João Ferreira de, (1999). *Classes sociais nos campos*. Oeiras: Celta Editora
3. Boaventura, Sousa Santos (org.). *Portugal: um retrado singular. O Estado as relações salariais e o Bem-Estar Social na semiperiferia: o caso português*. Porto: Edições Afrontamento
4. C. Lalive D'Epinay, *La retraite et après? Vieillesse entre science et conscience* (Leçon d'Adieu); Université de Genève: Centre Interfacultaire de Gérontologie et Département de Sociologie, Coll. Questions d'âge, nº2
5. Cann, Paul e Malcolm Dean (2009). *Unequal Ageing: the Untold Story of Exclusion in Old Age*. Bristol: Polity Press
6. Carmo, R. M. (2010). *A agricultura familiar em Portugal: rupturas e continuidades*. Resr, Piracicaba, SP, vol.48, nº 1, p.9-22
7. Extracto (adaptado) de R. Lenoir (1990). «Objet sociologique et problème social»; in: P. Champagne et alii, *Initiation à la Pratique Sociologique*, Dunod, Paris
8. Fernandes, Ana Alexandre (1997). *Velhice e Sociedade: Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*. Editora Celta

9. Guillemard, Anne-Mari (2007). Uma nova solidariedade entre as idades e as gerações numa sociedade de longevidade In: Serge Paugam, org., *Repenser la solidarité. L'apport des sciences sociales*, PUF, Paris
10. Lesemann, F. e Martin, C. (1995). *Estado, Comunidade e família face à dependência dos idosos. Ao encontro de um Welfare-Mix*. Sociologia, Problemas e Práticas, nº 17, p.115-139
11. Lima, A. Valadas, (1990). *Agricultura de pluriatividade e integração espacial*. Sociologia – Problemas e Práticas, nº 8, Lisboa: Cies – Iscte
12. Paúl, Constança (2005). *Envelhecimento ativo e redes de suporte social*. Departamento de ciências do comportamento, Tcbas-UP, p.275-287
13. Pinto, José Madureira e Queirós, João (2008). *Estruturas produtivas, escolarização e desenvolvimento no Vale do Sousa. Análise da reprodução da condição social periférica numa região metropolitana portuguesa*. Cadernos de Ciências Sociais, Porto, nº 25/26
14. Rede Social de Lousada. *Diagnóstico Social Estratégico e Prospectivo*. 2009
15. Sequeira e Silva (2002). *O bem-estar da pessoa idosa em meio rural*. Análise Psicológica, 3 (XX). p.505-516
16. Vasconcelos, Pedro (2003). *Famílias complexas: tendências de evolução*. Sociologia, Problemas e práticas, nº 43, p.83-96
17. Wall, Karin (2003). Famílias no Censo 2001: *Estruturas domésticas em Portugal*. Sociologia, Problemas e práticas, nº 43, p.9-11